



## **Wilson Tibério: Artista negro e ativista internacionalista<sup>1</sup>**

### ***Wilson Tibério: Black Artist and Internationalist Activist***

**Ana Lucia Araújo**

Howard University (Washington, Distrito de Columbia)

ORCID: 0000-0002-0664-5059

#### **Resumo**

O artigo analisa a obra e a atuação do artista Wilson Tibério (1916-2005) como pintor e ativista internacionalista negro.

#### **Palavras-chaves**

Wilson Tibério. Ativismo internacionalista negro. Pan-africanismo. Negritude.

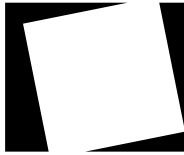
#### **Abstract**

*The article analyzes the work and performance of the artist Wilson Tibério (1916-2005) as a painter and black internationalist activist.*

#### **Keywords**

*Wilson Tibério. Black internationalist activism. Pan-Africanism. Negritude.*

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.27 n.47

Set 2023

e-ISSN: 2179-8001

Ainda hoje, muito poucos trabalhos exploram a produção artística de artistas negros brasileiros. Ainda menos estudos examinam as obras de artistas negros do sul do Brasil, uma região frequentemente considerada europeizada e periférica em relação às capitais do sudeste do país como Rio de Janeiro e São Paulo. Esta rasura tem raízes racistas e está, obviamente, associada às formas como os sistemas de arte e a própria disciplina da história da arte se desenvolveu na Europa e nas Américas. Na Europa, o desenvolvimento de uma produção artística formal esteve historicamente associado ao papel central da Igreja, cuja existência esteve intimamente ligada às monarquias. Durante o início da Idade Moderna, época amplamente dominada pelo desenvolvimento do tráfico atlântico de escravizados, e com a criação das primeiras academias e escolas de arte europeias, a produção artística oficial e formal continuou a ser restrita aos círculos da elite.

Instituições de arte, que espelhavam estruturas sociais que reproduziam padrões sociais e legais de privilégio branco e racismo, foram replicadas (com mais ou menos sucesso) nas Américas. O Brasil presenciou um contexto semelhante. Quase cinco milhões de africanos escravizados chegaram ao Brasil durante a era do comércio atlântico de escravos, uma herança ainda hoje visível no país que tem a maior população afrodescendente fora da Nigéria. Quando a Real Escola de Ciências e Artes e Ofícios (mais tarde renomeada Academia Imperial de Desenho, Pintura e Arquitetura Civil e depois simplesmente Academia de Belas Artes) foi criada no Rio de Janeiro em 1816, a escravidão ainda era muito viva no Brasil.<sup>2</sup> Durante os séculos XVII e XVIII, vários artistas e artesãos negros eram ativos na então colônia portuguesa e eram membros de guildas existentes. Esse contexto mudou com a criação da academia, onde vários negros trabalharam como modelos vivos.<sup>3</sup> Alguns alunos negros ingressaram na academia, mas infelizmente, como aponta Emanuel Araújo, sem o apoio das antigas agremiações e com modestos

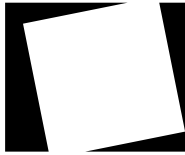
---

1 Uma versão mais longa e diferente desse artigo foi publicada como: Ana Lucia Araujo, "All World Art Comes from the Black": Wilson Tibério, Black Artist and Internationalist Activist in the Era of Africa's Decolonization," *Revista de Comunicação e Linguagens*, no. 57 (2022). Agradeço ao historiador da arte Paulo Gomes (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) que me apresentou a obra de Wilson Tibério. Agradeço também à Francielly Rocha Dossin, que generosamente compartilhou comigo seu conhecimento e fontes sobre o trabalho e a carreira de Tibério.

2 Araújo, Ana Lucia. *Romantismo Tropical: Um pintor francês nos trópicos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2017, p. 74.

3 Williams, Daryle. "Peculiar circumstances of the land': Artists and Models in Nineteenth-Century Brazilian Society," *Art History* 35, no. 4, 2012, p. 702-727.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.27 n.47

Set 2023

e-ISSN: 2179-8001

recursos, a maioria dos artistas negros não conseguia sobreviver apenas de sua produção artística.<sup>4</sup>

Mas ao longo do século XX, essa situação começou a mudar gradualmente. No Rio Grande do Sul, embora a população escrava nunca tenha sido tão grande como em estados como Minas Gerais, Pernambuco, Bahia e Rio de Janeiro, a escravidão permaneceu uma importante instituição em áreas urbanas e rurais até sua abolição em 1888. Durante o século XX, o Rio Grande do Sul manteve sua pequena, mas significativa, população de ascendência africana. Durante este período, os centros urbanos, como a capital Porto Alegre, viram o surgimento de vários intelectuais e artistas negros. A maioria desses homens e mulheres não se afirmaram necessariamente na esfera pública tendo como base uma identidade racial. No entanto, este não foi o caso de Wilson Tibério, que adquiriu notoriedade nacional e internacional não só como artista, mas também como ativista internacionalista negro.

Wilson Tibério nasceu em Porto Alegre, provavelmente em 1916.<sup>5</sup> Tibério foi criado no centro histórico de Porto Alegre. Quando menino, residia no 204, Rua General Salustiano, perto da Usina do Gasômetro. No mesmo bairro, frequentou a Escola Fernando Gomes (Colégio Fernando Gomes).<sup>6</sup> Esta região de Porto Alegre estava intimamente ligada ao passado escravo da cidade. Durante o período de escravidão, o pelourinho, onde os criminosos condenados eram amarrados e

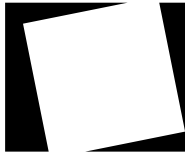
---

4 Araújo, Emanuel, "O negro brasileiro e as artes plásticas no Brasil," in Emanuel Araújo, ed. *A mão afro-brasileira: Significado da contribuição artística e histórica/The Hand of the Afro-Brazilian: The Significance of its Artistic and Historical Contribution*, São Paulo: Museu Afro Brasil, 2010, vol. 2, p. 107.

5 Várias fontes propõem outras datas como 1920, 1923 e 1926, mas provavelmente sua data de nascimento seja mesmo 1916. Dossin, Francielly Rocha. "Entre evidências visuais e novas histórias: Sobre decolonização estética na arte contemporânea." PhD dissertation in History, Universidade Federal de Santa Catarina, 2016, p. 224, note 123. Ver também Instituto Antônio Carlos Jobim, Coleção Digital Gilberto Gil, carta de Yola Levine para Gilberto Gil, Viena, 4 de julho de 2006.

6 A informação sobre o nome da escola de Tibério aparece em uma notícia de jornal comentado o feriado nacional que comemorava a "Descoberta das Américas" e o Dia da Criança, em 12 de outubro de 1926. Naquela ocasião alunos do Colégio Fernando Gomes, inclusive Tibério, leram vários poemas durante uma cerimônia. Ver *A Federação*, 1926, p. 3 citado por Rocha. "Entre evidências visuais e novas histórias," nota 123, p. 224; Mullet, Fabiana Mayboroda. "Os jardins de recreio nas praças de Porto Alegre: uma experiência de educação integral no início do século XX." Trabalho final do curso de especialização em Educação Integral Integrada, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013, p. 7, nota 9. O endereço de Tibério aparece em uma notícia de 1932 relatando que um jovem "preto" chamado Wilson Tibério, de aproximadamente 14 anos foi atropelado por um bonde na rua Senhor dos Passos. Ver *A Federação*, 1932, 4, citado por Rocha. "Entre evidências visuais e novas histórias," nota 124, p. 224-225.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.27 n.47

Set 2023

e-ISSN: 2179-8001

chicoteados publicamente, estava localizado em frente à Igreja de Nossa Senhora das Dores, na Rua Riachuelo, cuja construção começou em 1807 e só foi concluída em 1901. Não muito longe também havia a Praça da Força, (hoje Praça Brigadeiro Sampaio), perto da Usina do Gasômetro. Hoje, a praça é um local de memória da escravidão que foi oficialmente reconhecido como parte do Museu do Percurso do Negro. Em 2010, uma escultura representando um tambor foi colocada no lugar onde se encontrava a antiga força para honrar os africanos escravizados e seus descendentes sentenciados a pena capital durante o século XIX.<sup>7</sup> Não sabemos em que medida Tibério era consciente deste doloroso capítulo da história urbana de Porto Alegre, mas seu endereço residencial ficava a cerca de 200 metros da praça onde a força estava localizada.

Do mesmo modo, as religiões afro-brasileiras marcaram a infância de Tibério. De acordo com Francielly Rocha Dossin, ele foi apresentado às religiões afro-brasileiras por sua avó e tias, quando ainda criança. Sua trajetória posterior como artista, que retratou a vida de homens e mulheres negros, e como militante antirracista, sugere que o passado escravo e a cultura negra da cidade que tanto marcaram o bairro de sua infância tiveram um impacto duradouro sobre ele e sobre sua produção artística.

É provável que Tibério tenha começado a desenhar no final da década de 1920, quando tinha treze anos e que possivelmente tenha ido para o Rio de Janeiro três anos depois.<sup>8</sup> As informações disponíveis sobre o período inicial da carreira de Tibério não explicam claramente como ele encontrou os recursos necessários para se mudar para o Rio de Janeiro. Uma vez na capital nacional, ele seguiu cursos livres na Escola Nacional de Belas Artes com o artista polonês Bruno Lechowski. Estabelecido no Rio de Janeiro desde 1931, Lechowski se juntou ao Núcleo Bernardelli formado naquele mesmo ano com o objetivo de oferecer uma alternativa ao ensino tradicional oferecido na Escola Nacional de Belas Artes.<sup>9</sup>

A obra de Tibério adquiriu reconhecimento durante o período do Estado Novo (1937-1945). Seu nome aparece em um jornal do Rio de

7 Araújo, Ana Lucia. *Shadows of the Slave Past: Memory, Heritage, and Slavery*. New York: Routledge, 2015, p. 120-123.

8 "Um pintor humilde: Wilson Tibério e sua arte", *Fon-Fon: Semanário Alegre, Político, Crítico e Espusiente*, 17 de novembro de 1945, p. 74; p. 8.

9 O nome de Lechowski aparece no artigo "Um pintor humilde: Wilson Tibério e sua arte," p. 8.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.27 n.47

Set 2023

e-ISSN: 2179-8001

Janeiro pela primeira vez em 4 de janeiro de 1938, em uma pequena nota informando que ele quase se afogou Praia das Virtudes, que ficava no final da Avenida Rio Branco, zona que foi aterrada alguns anos mais tarde.<sup>10</sup> Mas, como a nota refere-se a Tibério como cenógrafo, pode-se inferir que, além da produção artística, a cenografia ofereceu-lhe uma maneira de ganhar a vida na capital brasileira.

A produção artística e o ativismo de Tibério podem ser melhor compreendidos dentro do contexto político e cultural do Estado Novo. Apesar das restrições aos direitos civis impostas pelo novo regime ditatorial, o interesse de Tibério em retratar a vida negra brasileira certamente foi influenciado por diversas iniciativas de promoção da herança africana que emergiram durante a era Vargas. Como governante populista que buscava o apoio de sindicatos e grupos subalternos, Vargas patrocinou escolas de samba do Carnaval, reconheceu a capoeira como forma de atividade de educação física e descriminalizou o Candomblé.<sup>11</sup> Em 1938, inúmeras atividades marcaram as comemorações do cinquentenário da abolição da escravidão em todo o país. Esses eventos promoveram a cultura negra brasileira, embora a ênfase na princesa Isabel como redentora ainda refletisse uma visão paternalista predominante da abolição da escravidão, que prevaleceu durante o governo de Vargas.<sup>12</sup>

Em 23 de novembro de 1940, cerca de dois anos após a chegada de Tibério no Rio de Janeiro, o Museu Nacional de Belas Artes realizou uma importante exposição retrospectiva intitulada "Exposição da Missão Artística Francesa de 1816". Esta foi a primeira mostra brasileira das aquarelas de Jean-Baptiste Debret, executadas durante o período que o artista francês passou no Brasil entre 1816 e 1831.<sup>13</sup> Várias dessas aquarelas, usadas por Debret para produzir as litogravuras de seu álbum de viagem *Voyage pittoresque et historique au Brésil*, reproduziam cenas representando pessoas negras escravizadas. Tibério provavelmente viu a exposição exibindo essas imagens icônicas que ainda hoje são

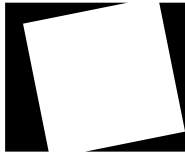
10 "Quase pereceu afogado", *A Batalha*, 4 de janeiro de 1938, p.3

11 Sobre o carnaval ver Green, James. *Beyond Carnival: Male Homosexuality in Twentieth-Century Brazil*. Chicago: University of Chicago Press, 1999, p. 207. Sobre a capoeira, ver Assunção, Matthias Röhrig Assunção, *Capoeira: The History of an Afro-Brazilian Martial Art*. London, New York: Routledge, 2005, p. 18. Sobre o Candomblé, ver Matory, J. Lorand. *Black Atlantic Religion: Tradition, Transnationalism and Matriarchy in the Afro-Brazilian Candomblé*. Princeton: Princeton University Press, 2005, p. 163.

12 Araújo, *Shadows of the Slave Past*, 161-162.

13 Sobre a exposição ver Williams, Daryle. *Culture Wars in Brazil: The First Vargas Regime, 1930-1945*. Durham: Duke University Press, 2001, p. 165.

## PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.27 n.47

Set 2023

e-ISSN: 2179-8001

amplamente utilizadas para retratar a escravidão brasileira.

Este novo reconhecimento do patrimônio africano e afro-brasileiro influenciou a forma como a produção artística de Tibério abraçou temas relacionados à vida e à cultura negra brasileiras e como suas atividades finalmente incorporaram ideias do pan-africanismo e da Négritude. Emanuel Araujo argumentou que o interesse do artista pelo Brasil negro surgiu depois que ele se mudou para a França, como forma de nostalgia da terra natal. Mas na verdade, desde o início de sua carreira, o trabalho de Tibério dialogou com as várias dimensões da cultura afro-brasileira.<sup>14</sup> Conforme argumentado por Dossin, as viagens de Tibério na Europa e na África só fizeram expandir seu interesse já existente pela história e cultura da diáspora africana.<sup>15</sup>

No início da década de 1940, ser um artista negro no Rio de Janeiro era uma tarefa mais árdua do que é hoje. Em 1940, o jornalista Rivadávia de Souza, também originário do Rio Grande do Sul, escreveu um artigo no jornal *A Noite*, narrando de maneira solidária as dificuldades de Tibério como artista negro no Rio de Janeiro.<sup>16</sup> No texto de duas páginas, Souza explica que, apesar de pobre, Tibério nasceu um artista, um artista negro que só queria estudar: “Wilson Barcelos Tibério, para aproveitar uma expressão que tanto tem de usual como de vaga, é um artista de cor. [...] Tibério precisa estudar. E não é justo permitir a interferência do destino em assunto tão objetivo, mesmo porque o destino não tem nada a ver com isso. Os amantes da arte, as criaturas inteligentes, os que ainda possuem sensibilidade, esses sim, estão convocados a ajudar Wilson Tibério, o artista que se debate nas agudas pontas deste dilema: ou compra um lápis ou toma uma média com pão e manteiga”<sup>17</sup>

Em um período em que muito poucos afro-brasileiros eram reconhecidos por um sistema de arte elitista, Tibério tinha consciência da forma como o racismo funcionava no Brasil e sobre como as

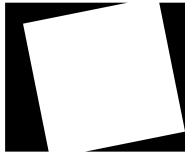
14 Araujo, Emanuel. In *Negros pintores*, org. Arthur Timótheo da Costa e Emanuel Araújo. São Paulo: Museu Afro Brasil, 2008, reproduzida na revista online *Vitruvius*, <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/09.100/107>

15 Dossin, “Entre evidências visuais e novas histórias,” p. 224.

16 Souza era responsável pela cobertura do Palácio do Catete. Sendo ele mesmo gaúcho, a publicação desse artigo de duas páginas sobre Tibério era uma forma de apoiar e promover o trabalho do artista.

17 Rivadávia de Souza, “O artista que não sabe se compra um lápis ou toma uma média com pão e manteiga”, *A Noite Ilustrada*, 16 de abril de 1940, p. 12-13.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.27 n.47

Set 2023

e-ISSN: 2179-8001

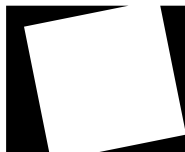
desigualdades raciais, traduzidas em exclusão social, impediam o acesso contínuo ao ensino artístico formal e a manter sua produção. Esta consciência (visível não apenas no trabalho de Tibério, mas também sugerida nos artigos publicados pela imprensa do Rio de Janeiro sobre seu trabalho) é confirmada por seu envolvimento inicial no ativismo negro. Em 1943, o artista participou da criação do Teatro Experimental do Negro (TEN) liderado pelo proeminente artista, ator e ativista negro, Abdias Nascimento.<sup>18</sup> Como artista plástico, Tibério contribuiu para as atividades do grupo como cenógrafo.

Em 1941, uma notícia publicada no *Jornal do Brasil* anunciava uma exposição comemorando o recente reconhecimento oficial do Instituto de Belas Artes do Rio Grande do Sul, em um decreto assinado por Vargas. Além de Tibério, a exposição, organizada pela Sociedade Brasileira de Belas Artes e realizada na Associação Cristã de Moços, incluía nomes como Angelo Guido, João Fahrion e Fernando Corona.<sup>19</sup> A nota indicava que o trabalho de Tibério já tinha um lugar no sistema de arte do Rio de Janeiro, embora ainda fosse percebido como sendo um artista do Rio Grande do Sul. (FIG. 1)

18 Almada, Sandra. *Abdias Nascimento*. São Paulo: Selo Negro, 2009, p. 68; Domingues, Petrônio. "Tudo preto: A invenção do teatro negro no Brasil." *Luso-Brazilian Review* 46 no. 2, 2009, p. 119.

19 "Belas artes: Exposição de artistas rio-grandenses." *Jornal do Brasil*, 9 de outubro de 1941, p. 13.

## PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.27 n.47

Set 2023

e-ISSN: 2179-8001

## INSTITUTO DE BELAS ARTES DO RIO GRANDE DO SUL

Rua Senhor dos Passos, 248 - Porto Alegre

## "2.º SALÃO DE BELAS ARTES"

(Comemorativo do Bi-centenário da Fundação da Cidade de Porto Alegre)

INAUGURAÇÃO A 5 DE NOVEMBRO DE 1940

Inscrição de 15 de setembro a 10 de outubro

Guia n.º

Nome

Nacionalidade

País onde estudou

Discípulo de

Exposições oficiais a que concorreu

Prêmios obtidos

Idade 21 anos.

Relação dos trabalhos apresentados à inscrição (máximo de cinco), seus característicos e respectiva estimativa em moeda corrente brasileira:

|     | DENOMINAÇÃO                                | DIMENSÕES | VALOR         |
|-----|--------------------------------------------|-----------|---------------|
| 1.º | desenhos estudos de nu e paisagens em café |           | Rs. 5.00\$000 |
| 2.º | retrato da Srta. Marinha                   |           | Rs. :.00\$000 |
| 3.º | estudo de nu                               |           | Rs. 5.00\$000 |
| 4.º | e estudos de bonecas                       |           | Rs. :.00\$000 |
| 5.º |                                            |           | Rs. :.00\$000 |

Rio de Janeiro 26 de Setembro de 1940

Basil Estevan Junior

Wilson Borellos Tibério

Rua Estevan Junior 57

Rio

## AUTORIZAÇÃO

Fica o Instituto de Belas Artes autorizado a vender os trabalhos acima relacionados, pelos preços indicados. Das vendas feitas, o Instituto de Belas Artes terá vinte por cento (20 %), que serão aplicados em outras realizações de natureza artística de sua iniciativa.

SOCIEDADE BRASILEIRA  
DE BELAS ARTES

Wilson Borellos Tibério

NOTA: Somente deverão assinar a presente autorização, os artistas que desejarem vender os trabalhos expostos e que estiverem de acordo com as condições nela estabelecidas.

FIG. 01:  
Ficha de inscrição  
de Wilson Tibério  
no 2º Salão de Belas  
Artes do Rio Grande  
do Sul, 1940. Fonte:  
Arquivo Histórico do  
Instituto de Artes -  
AHIA / UFRGS.

## PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.27 n.47

Set 2023

e-ISSN: 2179-8001

Em algum momento, durante a década de 1930 ou no início da década de 1940, Tibério começou a viajar para Salvador (Bahia), a “Roma negra” brasileira.<sup>20</sup> Em Salvador, ele assistiu cerimônias do Candomblé e observou a vida cotidiana da população negra da cidade, especialmente os vendedores ambulantes. Gradualmente, Tibério incorporou os materiais dessas observações em suas pinturas. Mas este interesse pela cultura negra da Bahia fazia parte de uma tendência maior que já se expressava no trabalho de outros artistas. Em 1938, o pintor Carybé visitou a Bahia pela primeira vez. Alguns anos mais tarde, ele fez de Salvador seu lugar de residência e a cultura negra baiana tornou-se também o centro temático de seu trabalho. Da mesma forma, o fotógrafo e etnógrafo francês Pierre Verger veio para São Paulo na década de 1930. Depois de obter um contrato com a revista brasileira *O Cruzeiro*, Verger se instalou em Salvador em 1946. As religiões afro-brasileiras e africanas, como o Vodun e o Orisha, também se tornaram elementos centrais da sua pesquisa visual desenvolvida entre o Brasil e a África Ocidental.<sup>21</sup> Ainda assim, ao contrário desses artistas de origem europeia, Tibério era, juntamente com o artista, escritor e pai-de-santo baiano, Mestre Didi, um dos poucos artistas negros brasileiros reconhecidos na época, cujo trabalho se concentrava nas religiões afro-brasileiras.

Em 1945, embora o trabalho de Tibério já tivesse adquirido notoriedade, um artigo de outro jornal mencionava que “os preconceitos raciais têm mantido Tibério na obscuridade”.<sup>22</sup> Apesar disso, lentamente, Tibério começou a colher os frutos da sua obra. Durante o início da década de 1940, ele participou de pelo menos duas edições do Salão de Pintura da Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro, obtendo menções honrosas em 1941 e 1944.<sup>23</sup> No entanto, sua primeira exposição individual ocorreu apenas em 1945. A mostra, realizada na galeria da Associação Brasileira de Imprensa, aberta em 17 de outubro de 1945, recebeu atenção nos jornais cariocas. Dedicada ao sociólogo Arthur

---

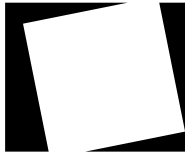
20 O termo foi criado por Mãe Aninha, mãe de santo e líder do terreiro Ilê Opô Afonjá. Ver Matory, *Black Atlantic Religion*, p. 264.

21 Araújo, Ana Lucia. “Pierre Fatumbi Verger: Negotiating Connections Between Brazil and the Bight of Benin,” *Luso-Brazilian Review* 50, no. 1, “Brazilian Slavery and its Legacies,” dossiê organizado por Ana Lucia Araújo, (2013), p. 116.

22 “Um pintor humilde: Wilson Tibério e sua arte,” 74.

23 Dossin, “Entre evidências visuais e novas histórias,” p. 230, nota 137.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.27 n.47

Set 2023

e-ISSN: 2179-8001

Ramos, a exposição era composta por uma série de retratos pintados e cenas que representam figuras afro-brasileiras.<sup>24</sup> Naquela ocasião, um crítico referia-se a Tibério como “observador inteligente, sabendo, como poucos, como tirar proveito da luz e da cor, rico de sensibilidade e bom gosto, tem o seu nome ligado a série curiosa de esplêndidos trabalhos, todos decalcados em motivos de morro e cenas de gente simples de nossas ruas.”<sup>25</sup> O poeta Jorge de Lima, autor de outro artigo sobre a exposição, comparou positivamente o interesse de Tibério pelas culturas africanas com o trabalho de Picasso: “As dançarinas [sic] de Tibério não sofrem da elefantíase vegetal que aformoseia as de Picasso. São híbridos de sincretismo de diversas culturas que culminaram nessas mulheres especialíssimas representadas em sua atual exposição.”<sup>26</sup>

Após esta primeira exposição, o trabalho de Tibério ganhou certo reconhecimento no Rio de Janeiro. Com o surgimento da Guerra Fria, as instituições estadunidenses estabelecidas no Brasil faziam esforços para aumentar a cooperação entre os dois países promovendo a cultura e a arte brasileiras. Apenas dois anos antes, em 1942, Walt Disney havia lançado o filme *Saludos Amigos*, em que o Pato Donald, durante uma viagem ao Rio de Janeiro, torna-se amigo de Zé Carioca, um papagaio brasileiro cujas características eram típicas de um malandro. Durante a década de 1940, a cantora luso-brasileira Carmen Miranda, cuja silhueta dançante também aparecia em uma das cenas do filme de Walt Disney, estrelava quase um filme por ano nos Estados Unidos. Do mesmo modo, no Rio de Janeiro, o Instituto Brasil-Estados Unidos iniciou um projeto para mostrar a produção de pintores brasileiros e norte-americanos, escolhendo por sorteio uma única pintura a ser exibida por quinze dias. A forma como os artistas eram selecionados para entrar no sorteio nos é desconhecida, mas durante a segunda metade de julho de 1946, uma pintura de Wilson Tibério foi exibida na instituição como parte desta iniciativa.<sup>27</sup>

Em maio de 1946, Tibério realizou uma exposição individual no Hotel Quitandinha em Petrópolis, no Rio de Janeiro. No final de 1946, outra exposição individual de Tibério foi realizada na sede do Ministério

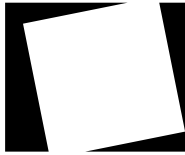
24 “Exposição de motivos afro-brasileiros do pintor Wilson Tibério,” *A Manhã*, 17 de outubro de 1945, p.3.

25 “Uma exposição de motivos afro-brasileiros,” *A Noite*, 16 de outubro de 1945, 10.

26 “Exposição do pintor negro Wilson Tibério,” *A Manhã*, 18 de outubro de 1945, p. 4.

27 “Exposição de um quadro só,” *Jornal do Commercio*, 4 de julho de 1946, p. 11.

## PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.27 n.47

Set 2023

e-ISSN: 2179-8001

da Educação do Rio de Janeiro.<sup>28</sup> Incluindo 127 aquarelas e pinturas a óleo, a mostra recebeu comentários generosos no *Letras e Artes*, um suplemento do jornal pró-Vargas *A Manhã*: "Preocupado, inspirado nos temas de sua raça, integrado na Roma Negra, nos seus candomblés e rituais, sentindo fortemente esse veio condensado de símbolos para ele, Tibério tem aqui seu ponto forte".<sup>29</sup> A exposição de Tibério também recebeu bons comentários no jornal *Diário Carioca* que havia apoiado Eduardo Gomes (oponente do candidato de Vargas, Eurico Gaspar Dutra) na eleição presidencial de 1945. Segundo o jornalista Antonio Bento, "o artista tem a preocupação de fixar toda a vida dos pretos do Brasil, nas cenas de rua, nos hábitos domésticos, nas suas diversões coletivas, nas feiras e mercados, nos bailes, no trabalho, nas cerimônias de feitiçaria e de amor". Embora o jornalista se refira à falta de treinamento formal do artista, ele enfatiza que sua "intuição é inegável" e ressalta que "Tibério vai suprimindo com os seus dons naturais de observador o que lhe falta no conhecimento de ofício".<sup>30</sup>

Enquanto o trabalho de Tibério ganhava reconhecimento, seu ativismo continuava evoluindo. Nos anos 1940, o artista conheceu o líder comunista, Luis Carlos Prestes. Embora as circunstâncias exatas deste encontro permaneçam desconhecidas, provavelmente os dois tenham se encontrado depois que Prestes foi libertado da prisão com o fim do Estado Novo. Em maio de 1946, junto com outros intelectuais e ativistas negros como Edison Carneiro, Tibério assinou uma carta de apoio a Prestes, publicada no jornal do PCB (Partido Comunista Brasileiro), *A Tribuna Popular*.<sup>31</sup> Seis meses depois, Tibério anunciou que estava entrando no PCB.<sup>32</sup> Sua adesão ao partido não estava dissociada das ações e visões políticas de outros artistas negros na diáspora africana. Embora outros artistas e intelectuais, a maioria brancos, também fossem

28 Dossin, "Entre evidências visuais e novas histórias," 236.

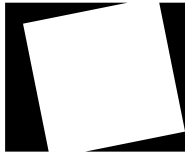
29 "Letras e Artes," suplemento do *A Manhã*, 8 de dezembro de 1946, p. 4

30 Antonio Bento, "Wilson Tibério," *Diário Carioca*, 5 de dezembro de 1946, p. 6.

31 "Os cientistas, escritores, artistas, técnicos e jornalistas que assinaram a mensagem a Prestes." *Tribuna Popular*, 14 de maio de 1946, p. 2. O Partido Comunista Brasileiro foi legalizado em 1945, como parte do processo de anistia lançado por Vargas. Criado pelo partido, o *Tribuna Popular* tinha como objetivo expandir a influência do partido entre as massas. Mas dois anos mais tarde, em 1947, o registro do partido foi outra vez casado e naquele mesmo ano o jornal foi igualmente fechado.

32 "O pintor Wilson Tibério ingressa no Partido Comunista do Brasil," *Tribuna Popular*, 13 de dezembro de 1946, p. 3. Porém o artigo erra o nome do partido, quando se refere ao Partido Comunista do Brasil, o qual que foi criado em 1958.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.27 n.47

Set 2023

e-ISSN: 2179-8001

membros do PCB durante o mesmo período, desde a década de 1920, muitos intelectuais, artistas e ativistas negros, especialmente nos Estados Unidos, se juntaram ao Partido Comunista dos Estados Unidos, já que este era o único partido que reconhecia a posição de exclusão social, econômica e racial dos afro-americanos. Entre eles estava o cantor, ator e ativista, Paul Robeson, a quem Tibério se refere como sendo o “patrocinador espiritual” de sua exposição individual realizada no início de 1946.<sup>33</sup> Em 1934, Robeson visitou a União Soviética pela primeira vez.<sup>34</sup> Vinte e quatro anos depois, Tibério seguiu os passos de Robeson. Em 1958, uma fotografia mostra o artista em um estúdio de arte em Leningrado (hoje São Petersburgo). Este retrato de perfil de corpo inteiro mostra um Tibério sorridente: em frente a um cavalete, com uma paleta de mãos, o pintor é rodeado de outros artistas em plena atividade.<sup>35</sup>

A segunda e a terceira exposições individuais de Tibério e a sua pintura exibida no Instituto Brasil-Estados Unidos criaram novas oportunidades internacionais, as quais não estavam ao alcance da maioria dos artistas brasileiros da época. Em 1947, Tibério obteve uma bolsa francesa para estudar pintura mural na França. Apesar da falta de informações detalhadas sobre esse apoio financeiro, uma nota publicada no *Correio da Manhã* de 26 de setembro de 1947, anuncia que Tibério viajaria para os Estados Unidos no dia seguinte para expor em Nova York cinquenta obras sobre temas afro-brasileiros. A nota também indica que o artista seguiria viagem para o Congo belga onde iria documentar os costumes de seus habitantes. A fonte exata do apoio financeiro que possibilitou a viagem de Tibério à França e suas colônias da África Ocidental é desconhecida, mas é possível que a exposição dos Estados Unidos tenha sido patrocinada ou pelo menos parte de um acordo com instituições francesas.<sup>36</sup>

---

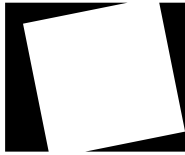
33 Ver Araújo, Ana Lucia. *Reparations for Slavery and the Slave Trade: A Transnational and Comparative History*. London, New York: Bloomsbury, 2017, p 130-131. Sobre a referência de Tibério a Paul Robeson ver Dossin, “Entre evidências visuais e novas histórias,” p. 236.

34 Araújo, *Reparations for Slavery*, 131.

35 Tibério também viajou à China em 1957, país onde Paul Robeson também era admirado, embora o cantor, ator e ativista norte-americano nunca tenha visitado este país. As fotos são reproduzidas no website criado pela família de Tibério sobre o trabalho do artista, <http://wilsonTibério.free.fr/albumphoto6/index-pt.html>

36 Algumas fontes fazem referência a uma bolsa da Embaixada da França, enquanto outras se referem a uma bolsa do Musée de l’Homme, o que parece plausível visto as viagens futuras do artista na África ocidental.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.27 n.47

Set 2023

e-ISSN: 2179-8001

Tibério chegou à Paris durante o difícil período de reconstrução que se seguiu à Segunda Guerra Mundial. Durante os anos seguintes, a França foi abalada pelo surgimento de movimentos anticoloniais em suas colônias africanas. Após a chegada à Paris, Tibério juntou-se à *Académie de la Grande Chaumière*, uma escola de pintura e escultura fundada em 1904. Situada na Rua da Grande *Chaumière* em Montparnasse, apesar do seu nome, a escola era uma instituição independente que ofereceu cursos privados de pintura e escultura livres das restrições acadêmicas impostas na Escola de Belas Artes (*École des Beaux Arts*). Também na *Académie*, conheceu outros artistas e intelectuais negros e tornou-se um bom amigo do artista sul-africano Gerard Sekoto, que também havia se mudado para Paris em 1947.<sup>37</sup>

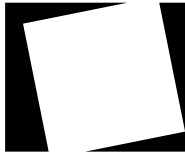
Em 1948, como parte de sua relação com as instituições francesas, Tibério viajou para Daomé, colônia francesa que era parte da África Ocidental Francesa e que depois de sua independência em 1960, recebeu o nome de República de Benin. Uma fotografia de 1948 mostra Tibério desenhando um grupo de sacerdotisas do Vodun em Porto-Novo. Outra fotografia tirada no mesmo ano mostra Tibério observando os baixo-relevos do palácio real do rei Glele, em Abomé, a antiga capital do reino escravista do Daomé.<sup>38</sup> Durante esse mesmo período, Tibério provavelmente também tenha viajado para o Senegal, até então também uma colônia francesa. De acordo com uma anedota reproduzida em um artigo publicado no jornal brasileiro *O Globo* de 1955, Tibério foi às áreas de plantação que cercavam Dakar com a intenção de pintar seus trabalhadores. Mas enquanto representava um grupo de homens trabalhando, o artista ficou indignado com as condições de trabalho impostas aos trabalhadores africanos locais, as quais eram muito similares àquelas do período da escravidão. Entre outros, o artista testemunhou um agente colonial branco chicotear um grupo de homens que transportavam pedras sobre suas cabeças. Diante de tal cena, Tibério não teve dúvida, partiu para cima do capataz lhe aplicando uma surra memorável. De acordo com o artista, uma semana depois, um agente colonial francês o acusou de ser um agitador político e subversivo e ordenou sua expulsão do Senegal.<sup>39</sup>

37 Eyene, Christine. "Sekoto and Négritude: The Ante-Room of French Culture." *ThirdText* 24, no. 4, 2010, p. 432.

38 As duas fotografias aparecem no website criado pela família de Tibério sobre o trabalho do artista, <http://wilsonTibério.free.fr/albumphoto6/index-pt.html>

39 "Expõe em Paris: Tibério, Pintor Negro Brasileiro," *O Globo*, 21 de dezembro de 1955.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.27 n.47

Set 2023

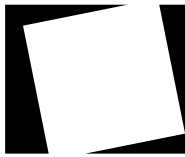
e-ISSN: 2179-8001

A pintura e a escultura de Tibério foram principalmente figurativas. Influenciado pela linguagem do realismo e pela produção das vanguardas europeias, em termos formais, ele explorou vários caminhos. Ainda assim, as questões sociais dominaram seu repertório. Durante sua carreira, o artista optou por explorar as várias dimensões da vida e das culturas negras e africanas. Seus vários autorretratos, um dos quais faz parte das coleções da Pinacoteca Barão de Santo Ângelo na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, enfatizam a representação de si mesmo como homem negro e pintor. (FIG. 2)



FIG. 02:  
TIBÉRIO, Wilson  
Mendonça  
(Porto Alegre, RS,  
1923 – Mazan,  
França, 2005)  
Autorretrato, 1941  
Óleo sobre tela,  
100 x 80 cm

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.27 n.47

Set 2023

e-ISSN: 2179-8001

Do mesmo modo, os corpos negros, coletivamente ou individualmente, sempre ocupam um lugar central nas pinturas de Tibério que representam a maternidade negra, a vida quotidiana urbana negra e as cerimônias do Candomblé. Ao contrário da maioria das representações visuais, seja na gravura, fotografia, pintura e escultura que representam mulheres negras durante a escravidão e no período pós-abolição, nas obras de Tibério, as mães negras não são amas-de-leite. Embora retratadas em contextos onde vivem na pobreza, essas mães negras amamentam seus próprios filhos e não os filhos de seus mestres ou patrões. (FIG. 3) (FIG.4)

FIG. 03:  
TIBÉRIO, Wilson  
Mendonça  
(Porto Alegre, RS,  
1923 – Mazan,  
França, 2005)  
Bahia, 1946  
Óleo sobre tela,  
66,5 x 46,5 cm  
Pinacoteca Aldo  
Locatelli -  
Secretaria Municipal  
de Cultura Porto  
Alegre, RS, Brasil



FIG. 04:  
TIBÉRIO, Wilson  
Mendonça  
(Porto Alegre, RS,  
1923 – Mazan,  
França, 2005)  
Maternidade,  
sem data  
Aquarela,  
30 x 20 cm  
Coleção privada  
Porto Alegre, RS,  
Brasil



Em Paris, através de seu contato com Sekoto, Tibério conheceu Léopold Sédar Senghor, que poucos anos depois se tornou o primeiro presidente do Senegal independente. Fruto desse encontro, tanto Sekoto quanto Tibério foram convidados a participar da primeira Conferência de Escritores e Artistas Negros (Congrès des écrivains et artistes noirs) em Paris em 1956.<sup>40</sup> O evento foi convocado pela revista e editora *Présence Africaine*, que influenciou o desenvolvimento do pan-africanismo e do movimento artístico e literário Negritude. Entre os participantes da

40 Mudimbe, V. Y., org. *Présence Africaine and the Politics of Otherness, 1947-1987*. Chicago: University of Chicago Press, 1992, 372.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.27 n.47

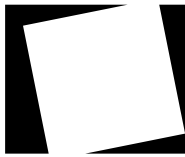
Set 2023

e-ISSN: 2179-8001

conferência havia vários ativistas negros internacionalistas de renome como Aimé Césaire, Richard Wright, James Baldwin, Frantz Fanon, Édouard Glissant e Joséphine Baker. Depois que Senghor assumiu a presidência da república, ambos artistas também foram convidados a participar do primeiro Festival Mundial das Artes Negras (Festival Mondial des Arts Nègres) realizado em Dakar do 1o de abril ao 24 de abril de 1966. Após a participação no festival, Tibério e Sekoto passaram um ano trabalhando juntos entre Dakar e Casamance. Nos anos seguintes, continuaram mostrando seus trabalhos juntos, principalmente no Senegal e na França. Durante a década de 1970, por causa de suas atividades políticas e, provavelmente por suas críticas a Senghor e ao movimento Negritude, Tibério foi expulso do Senegal.<sup>41</sup> Durante as próximas décadas, o artista manteve sua residência na França, onde morreu em 2005.

Hoje, o nome de Tibério aparece em várias publicações internacionais associadas ao surgimento da Negritude e do Pan-Africanismo. Sua trajetória como ativista internacionalista negro e sua produção artística permanecem únicas. Tibério foi um dos poucos artistas afro-brasileiros de seu tempo, cujo trabalho retratou as populações de ascendência africana, não só no Brasil, mas também na África Ocidental. Ainda assim, sua produção artística e sua importância política continuam sendo grandemente ignoradas no Brasil. Esta negligência está relacionada a uma série de fatores. Tendo passado a maior parte de sua vida entre a França e a África Ocidental, a tarefa de reunir seus trabalhos continua sendo difícil. Diferentemente de outros artistas brasileiros brancos de sua época, Tibério não teve acesso a um ensino artístico formal. Além disso, apenas algumas de suas pinturas fazem parte de coleções de instituições brasileiras, como o Museu Afro Brasil em São Paulo, a Pinacoteca Barão de Santo Ângelo e a Pinacoteca Aldo Locatelli em Porto Alegre. Durante a última década, através dos esforços feitos por curadores como Emanuel Araujo, os trabalhos de muitos artistas afro-brasileiros, que ainda hoje permanecem desconhecidos, mesmo entre especialistas, começaram a sair do esquecimento. Ficarà a cargo da geração atual, seja ela de estudiosos ou artistas, descobrir o trabalho e a trajetória incrível de Tibério não somente como artista, mas também como ativista negro internacionalista. Esses novos estudos poderão enfim atribuir a Tibério o lugar de honra que tanto merece na história da arte brasileira e na história da diáspora africana.

## PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.27 n.47

Set 2023

e-ISSN: 2179-8001

**ANA LUCIA ARAÚJO**

Endereço para acessar CV:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ana-Lucia-Araujo>

Historiadora e autora de origem brasileira, residente nos Estados Unidos. Seu trabalho de pesquisa examina a história transnacional da escravidão, assim como a memória pública, o patrimônio e a cultura visual da escravidão e do comércio atlântico de escravos. Graduada em Artes Visuais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1995), fez mestrado em História do Brasil (PUC, 1997). Em 2004, obteve doutorado em História da Arte da *Université Laval* (Canadá) e em 2007 obteve um doutorado conjunto em História e em Antropologia Social e Histórica da *Université Laval* (Canadá) e da *École des Hautes Études en Sciences Sociales* (França). Em 2008, passou a lecionar na *Howard University*, na cidade de Washington (Columbia/Estados Unidos), onde é professora titular desde 2014. É autora de vários livros sobre a história e a memória da escravidão, como *Public Memory of Slavery: Victims and Perpetrators in the Atlantic World* (2010) *Shadows of the Slave Past: Memory, Slavery, and Heritage* (2014) e *Public Memory of Slavery* (2010). Seu primeiro livro, *Romantisme tropical: l'aventure d'un peintre français au Brésil*, foi publicado em francês, inglês e tem uma versão em português, publicada sob o título *Romantismo tropical: Um pintor francês no Brasil* pela Editora da Universidade de São Paulo em 2017.

---

**Como citar:** Araújo, A. L. (2023). Wilson Tibério: Artista negro e ativista internacionalista. *PORTO ARTE: Revista De Artes Visuais (Qualis A2)*, 27(47).

**Doi:** <https://doi.org/10.22456/2179-8001136300>

---